

#4



revista_ duas cabeças



e d i ç ã o # 4

Edição: Neilton dos Reis e Leandro Leal

Ilustração: Neilton dos Reis

Playlist: Maia Caos

Colcha de retalhos: César Dornelas, Terra Assunção, Marina Cápua, Michell Marques, Guilherme Freire e Matheus das Dores

Galeria: Terra Assunção e Neilton dos Reis

Aprendi no Coletivo: Marina Cápua

Perfil: César Dornelas

Trecho: Terra Assunção

Convida: Carlos Bernardes

Em construção: Bianca Castro, Danielle Oliveira e Cristiane Fernandes

Ilustração: Raphael Nascimento Leite

Indica: Bianca Silva e Cleber Braga

Entre parênteses: Neilton dos Reis

Na internet

Site: <https://www.revistaduascabecas.org/>

Instagram: @revista_duascabecas

Email: selo.fiosolto@gmail.com

ela faz a arte dela

SUMÁRIO_

editorial	04
playlist	06
colcha de retalhos	08
galeria	11
aprendi no coletivo	19
perfil	21
trecho	23
convida	26
em construção	33
ilustração	36
indica	44
entre parênteses	48

editorial

A MULHER JAMAIS FALADA; A MENINA JAMAIS IGUALADA_



“Nati Natini Natili Lohana Savic de Albuquerque Pampic de La Tustuane de Bolda, mais conhecida como Danusa Deise Medly Leona Meiry Cibebe de Bolda de Gasparri”, ela nos inspira nesse dezembro.

Artista e ativista desde tão cedo, nosso sonho é ser Leona: “conhecidíssima como a noite de Paris, poderosíssima como a espada de um samurai”.

A última edição da revista_ duas cabeças desse ano não poderia ser diferente. Esse ano nós nascemos enquanto editorial e lançamos (com essa) quatro edições regulares + uma especial. Discutimos sobre política, cidade, autobiografias e tantas coisas quanto podemos inventar. Continuaremos, sim!

E para essa edição, trazemos ARTE.

Uma revista_ que faz a arte dela.

Queremos sentipensar como temos (nos) ocupado dessa linguagem.

A que serve a arte em um Coletivo? A que um Coletivo serve para a arte? Arte tem que servir?

É sobre tudo isso e nada disso que escrevemos, filmamos, cantamos, dançamos.

Tudo isso bagunçado entre as mídias que conseguimos ocupar.

“Conseguimos” em um plural especial dessa vez. Esta edição traz produções recebidas na Chamada Aberta. Produções de Bianca Silva e Cleber Braga (seção INDICA); Carlos Bernardes (seção CONVIDA); Raphael Nascimento Leite (seção ILUSTRAÇÃO); e Bianca Castro, Danielle Oliveira e Cristiane Fernandes (seção EM CONSTRUÇÃO).

E você ainda encontra: uma playlist daquele jeito, toda babadeira e dançante, feita por Maia Caos; uma colcha de retalhos contando da relação do Coletivo Duas Cabeças com arte e uma galeria de fotos de como foi botar a cara no sol na praça cívica da UFJF no Sarau da Diversidade; um relato daquilo que aprendi no coletivo, por Marina Cápua; um perfil de ex-integrante dizendo das criações com drag; um trecho da conversa sobre como a arte vem sendo utilizada por movimentos sociais; além de uma reflexão entre parênteses.

Tudo isso entre fotografias e ilustrações de Neilton dos Reis, um dos editores.

Sim, UM dos! Porque essa edição traz mais novidade. Leandro Leal assume como outro editor da revista_ duas cabeças!

A gente não pertence à família imperial brasileira Orleans Bragança, mas já tá que nem Leona: penetração difícil e ATENTA na produção das nossas artes, sem deitar pra lgbtqiafobia.

A arte é toda nossa.

Mamífera, a gente tá lançada.

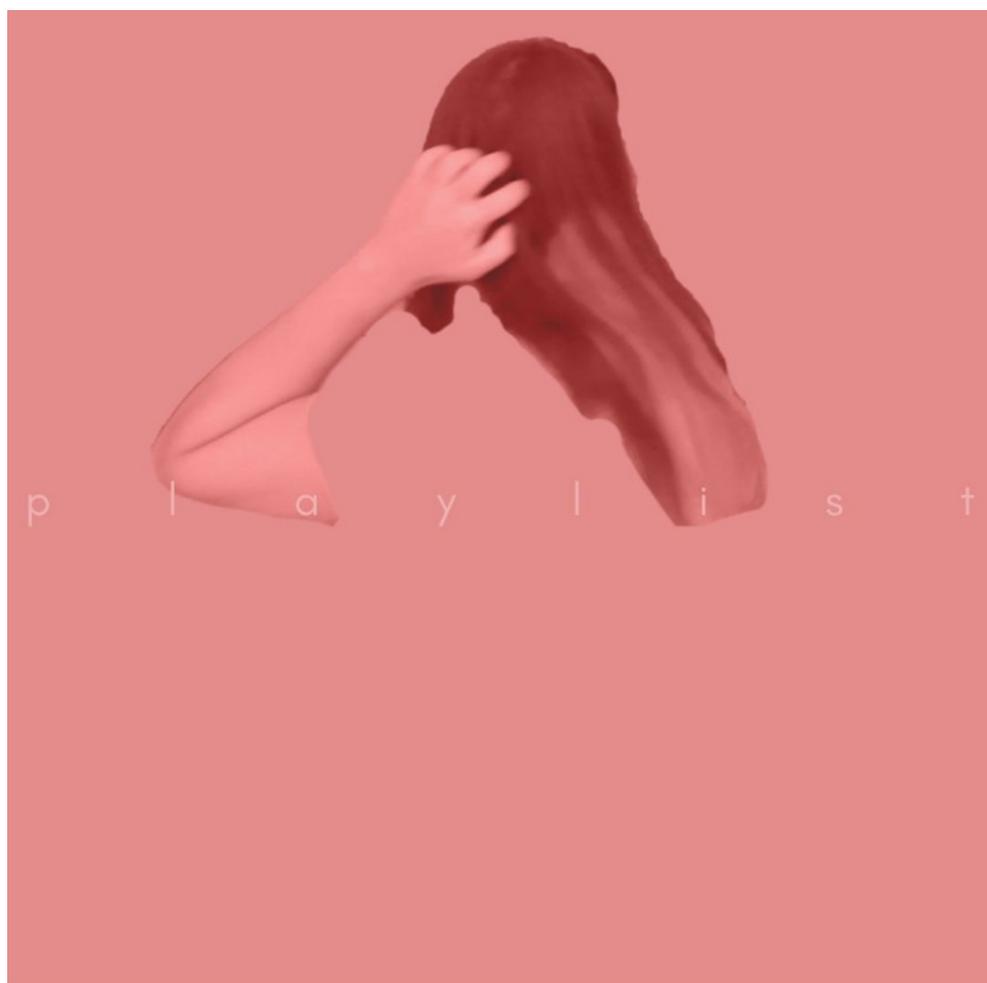
Nossa arte tá na rua.

Vem com a gente, vem!

playlist

ELA FAZ A ARTE DELA_

a playlist dessa edição foi montada por Maia Caos, multiartista
(@maiacaos).



- Real – Danna Lisboa
- Creme – Biel Lima, Zaila, EveHive
- Vitória – Vaca Profana, Podenserdesligado
- Bixa Preta Pt.2 – Jup do Bairro, Linn da Quebrada
- Bixa Papão (Putos não fodem) – Monna Brutal
- Dilúvio – Alice Guél, Ventura Profana, Pov3da
- Se morde de raiva – Afronta MC, Perc Produções
- #SóTr4vaPorretaÉ – MC DELLACROIX, Alice Guél
- Pt. 3: Afrotrapfunk – Rosa Luz
- Kit Assume – MC Xuxú, Pepita
- VOU TE F**** - Jup do Bairro, BADSISTA
- Assiste meu Sucesso – Bixarte, Luana Flores
- Nava Cor de Rosa (CyberKills Remix) – Lucas Boombeat, Gloria Groove, CyberKills

Acesse a playlist em:

<https://open.spotify.com/playlist/6xT0kK9QL7y3OuQ8OlyFr6>

colcha de retalhos

“A ARTE É UMA FERRAMENTA IMBATÍVEL” _

na colcha de retalhos dessa edição, você descobre algumas das produções (artísticas) do Coletivo Duas Cabeças através das narrativas costuradas de César Dornelas, Terra Assunção, Marina Cápuá, Michell Marques, Guilherme Freire e Matheus das Dores.



Eu acho que a arte... eu acho não, vai além do achismo. Eu tenho convicção de que a arte é uma ferramenta imbatível quando você vai gerar reflexão. Por que a gente sempre colocava MC Xuxú? Bom, uma travesti preta periférica funkeira, que tava ali cantando a realidade da vida dela. Isso tinha que ser ouvido. Então se a gente pudesse proporcionar, a gente ia proporcionar.

(César)

Lembro de uma proposta de realizar uma cartilha pra poder pensar noções básicas de gênero e sexualidade, o que era identidade de gênero, o que era identidade sexual.

(Marina)

A gente tinha essa preocupação de usar uma linguagem bem acessível. Porque a gente tava conversando com pessoas de todos os níveis, de nível econômico. E aí a gente tinha essa preocupação de fazer uma linguagem mais acessível. Como a gente foi cada vez mais expandindo e saindo da Universidade, a gente tentava fugir um pouco dessa linguagem acadêmica também. Então tinha que ter esse cuidado.

(Guilherme)

Te enviaram o blog? Tem muita coisa legal. Muitos textos. Muita coisa legal. Tem um meu, que escrevi sobre a experiência religiosa.

(Matheus Das Dores)

Essa ideia dos saberes! Engraçado, eu que sempre falava de que a Ciência é só um tipo de conhecimento, mesmo um pouco trabalhando depois com saberes tradicionais, eu não me atentei pra isso.

(Marina)

Eu lembro que chegou a ter um evento naquela concha acústica também. O sarau. Que a gente se juntou. A gente conseguiu o som do DCE, aí teve que ir lá pegar o som.

(Terra Assunção)

Teve um evento do Coletivo que eu estive montada. Foi minha quarta ou quinta montagem. Não! Ih bicha, teve mais! Não. Teve um evento do ICH. Teve um show da MC Xuxú, que era da Atlético que o Matheus era presidente. Ali ainda existia Coletivo e eu tava ali montada. Teve o EREGeo que foi muito bom, 4 dias de festa na UFJF. Foi assim, foi nesse ambiente: ambiente acadêmico, ambiente de drag também, de pessoas que tavam reivindicando seus espaços e questionando o posicionamento dos seus corpos ali, sabe.

(César)

Eu lembro que nesse período que eu fiquei, tivemos alguns eventos. Teve esse evento que foi na Concha que teve o sarau com leitura de poesia.

(Terra Assunção)

A época do sarau todo mundo tava participando assim. Ainda, bastante. Eu lembro que foi a galera que costumava ir, foi. No sarau. Eu acho que foi o último evento. Depois dele, algo aconteceu. Depois dele, eu lembro que a coisa foi só diluindo.

(Michell)

Tinha a questão das drags. Que é uma questão que tem uma cena que é respeitada, que é muito boa aqui de Juiz de Fora, que é a cena das drags assim. Fazem um trabalho muito bom e que tinha. A César, por exemplo, eu lembro que se montava. Eu acho que ela tava começando na época assim. Tinha a Lucy. Tinha essas pessoas que faziam o trabalho de drag assim. Que é um trabalho artístico.

(Terra Assunção)

A nossa expressão enquanto drag, mesma coisa. A gente tava ali mostrando outras possibilidades de se portar, de ser visto com um conjunto de elementos que foram elaborados para aquilo ali. Isso é fazer arte: você pegar elementos e coisas e quando você vai pra sua área de domínio da arte, você mostra o que você vai mostrar.

(César)

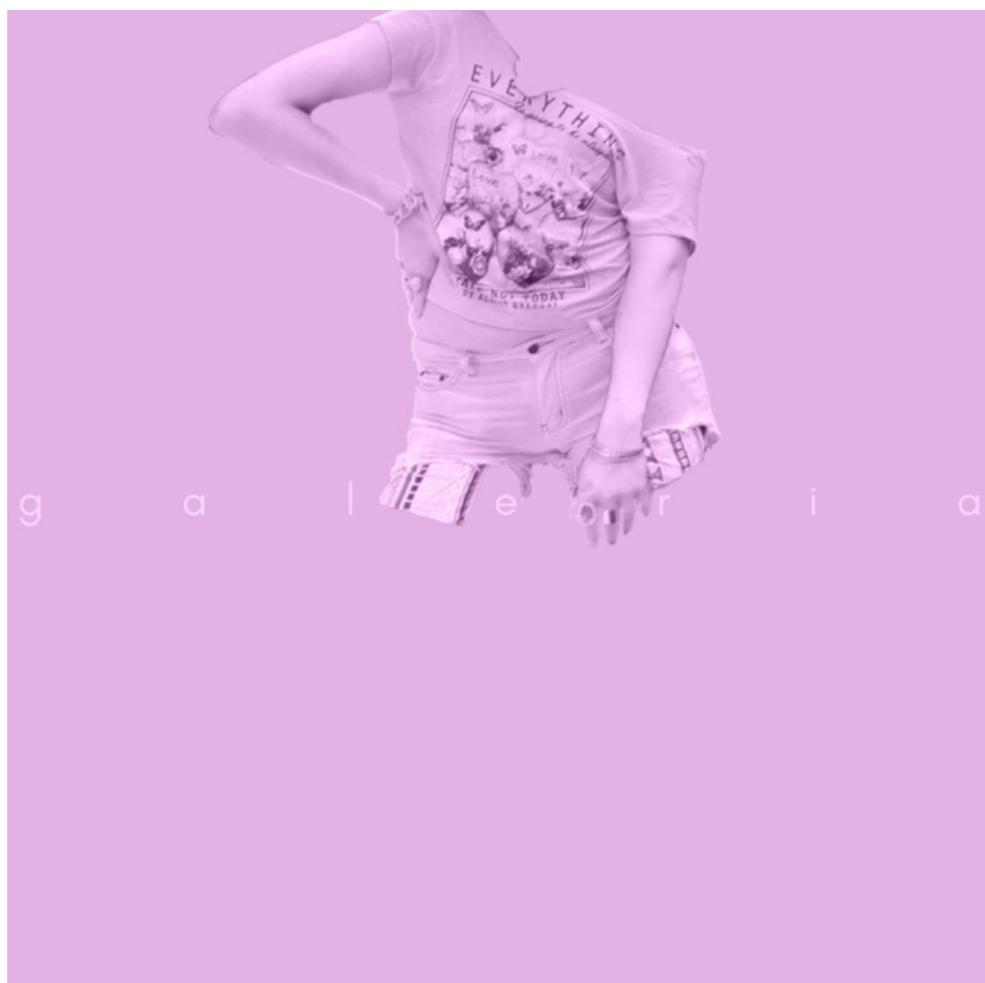
Eu lembro que teve um evento numa praça que pediram até pra usarem minhas ilustrações que eu tinha antigas. Tinha propostas assim. Geralmente todas as propostas de evento tinha também um caráter, sempre tem um caráter também de valorizar a produção da galera. Mas assim, não era o carro-chefe do Coletivo.

(Terra Assunção)

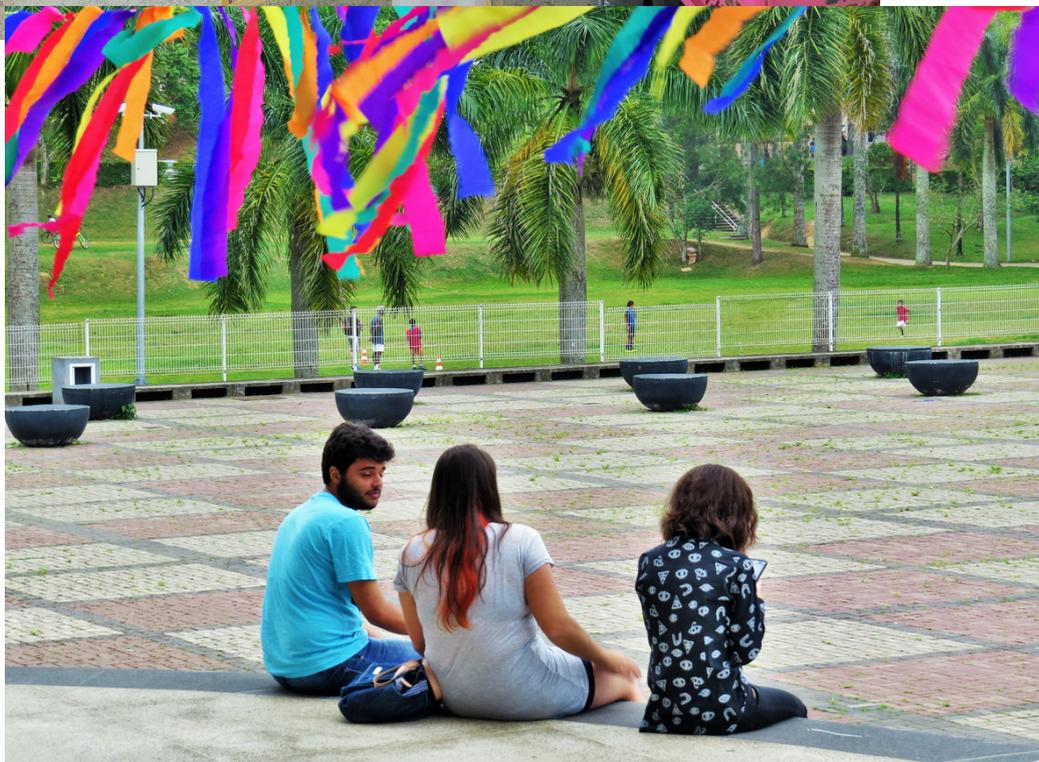
galeria

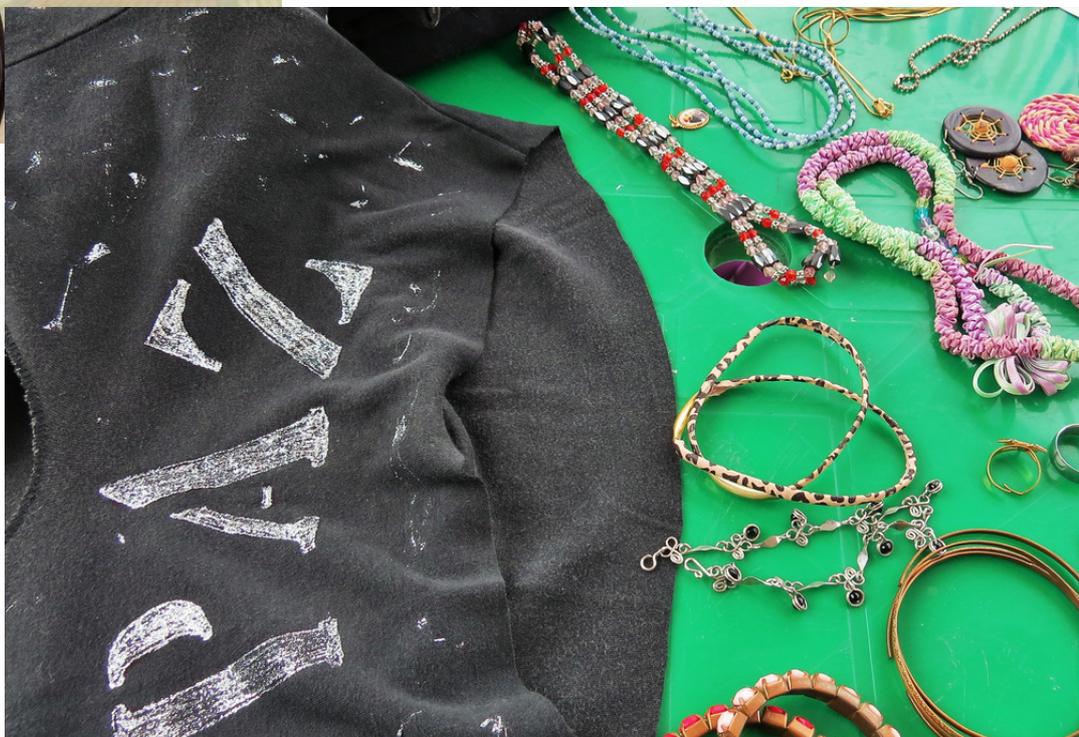
UM DIA NA PRAÇA_

na galeria dessa edição você vai poder ver algumas fotos do Diversarau, o Sarau da Diversidade que aconteceu na Praça Cívica da UFJF 2016. Foi organizado pelo Coletivo Duas Cabeças, com feira livre e apresentações artísticas de integrantes e quem mais quisesse. As fotos são de Terra Assunção e Neilton dos Reis.



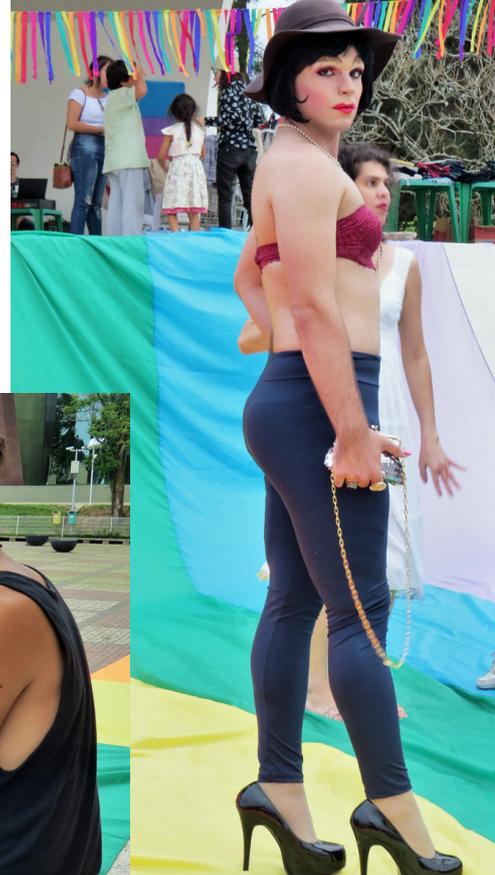












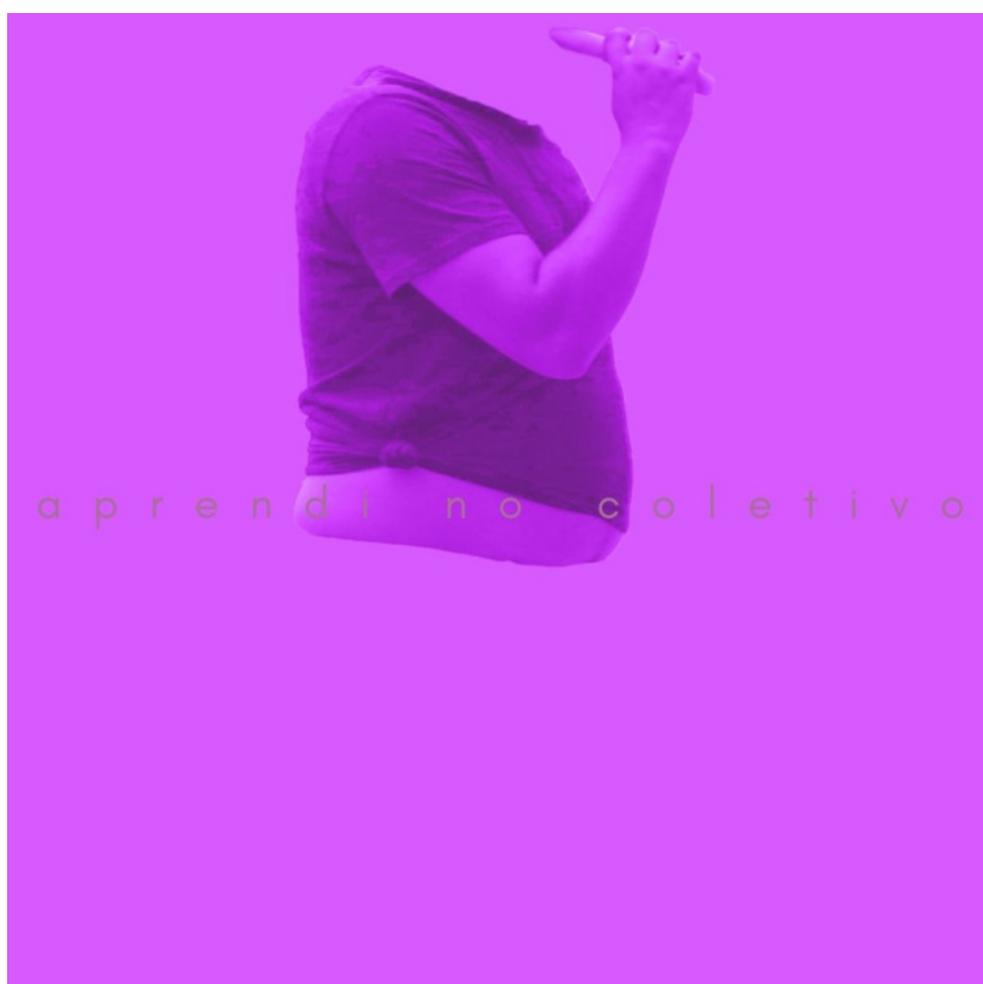
Coletivo
Duas Cabeças



aprendi no coletivo

“AS COISAS PODEM SER REALIZADAS, ENTENDE?” _

O aprendi no coletivo dessa edição traz a narrativa de Marina Cápua, integrante do Coletivo Duas Cabeças, que narra o legado que aquele espaço deixou em sua vida.



No começo foi uma coisa mais acadêmica mesmo, mas depois foi uma coisa que me contemplou de outra forma, pessoalmente falando. Não só questão profissional acadêmica. E aí eu procurei saber, fui em algumas reuniões. E eu lembro de uma reunião específica que nós fizemos uma roda bem grande na grama da reitoria e foi a primeira vez que fez uma apresentação de todas que tavam ali. E se perguntava por que que nós estávamos ali, o que tinha motivado a gente frequentar? E aí eu lembro que eu fiz uma narrativa que eu não me considerava nem bissexual na época, mas eu lembro ter narrado que eu me sentia estranha na escola porque as pessoas não compreendiam muito o meu jeito de ser. Às vezes usando roupas masculinas, às vezes preferindo uma bicicleta que um vestido de festa de 15 anos, que é a questão do estereótipo de gênero de cidade pequena. E foi muito importante pra mim ter aquele espaço. A sensação que você tá se pondo, mas ao mesmo tempo tá trocando ideia. Está sendo acolhida, acho que a palavra é essa. Está sendo acolhida na forma que você pensa. Você tem pessoas parecidas com você, que passaram por coisas que você passou e não é vergonhoso isso, você pode se expressar.

O coletivo deixa um legado pra mim que é importante a gente insistir, persistir no que a demanda social coloca pra gente. As coisas podem ser realizadas, entende? Eu posso ter o meu nome mudado, enquanto pessoa trans, por exemplo. Ou eu posso reivindicar um nome social, ou eu posso reivindicar um banheiro. Pra essas demandas que são lidas como estranhas. Os embates na Câmara Municipal. Eu posso colocar minha cara aqui porque tenho força, tenho amparo dessas pessoas que construíram um movimento lgbt em Juiz de Fora.

E por exemplo, uma ideia de separação entre identidade sexual e identidade de gênero eu tirei do Coletivo. Porque foi no Coletivo que aprendi que identidade de gênero é uma coisa; a identidade sexual é orientada pelo desejo, e de gênero é como você se identifica em relação ao gênero (feminino, masculino, ou uma coisa entre isso, ou nada disso). Mas assim, foi pedagógico nesse sentido também. Inclusive nas minhas leituras atuais eu consigo conceber melhor essa separação.

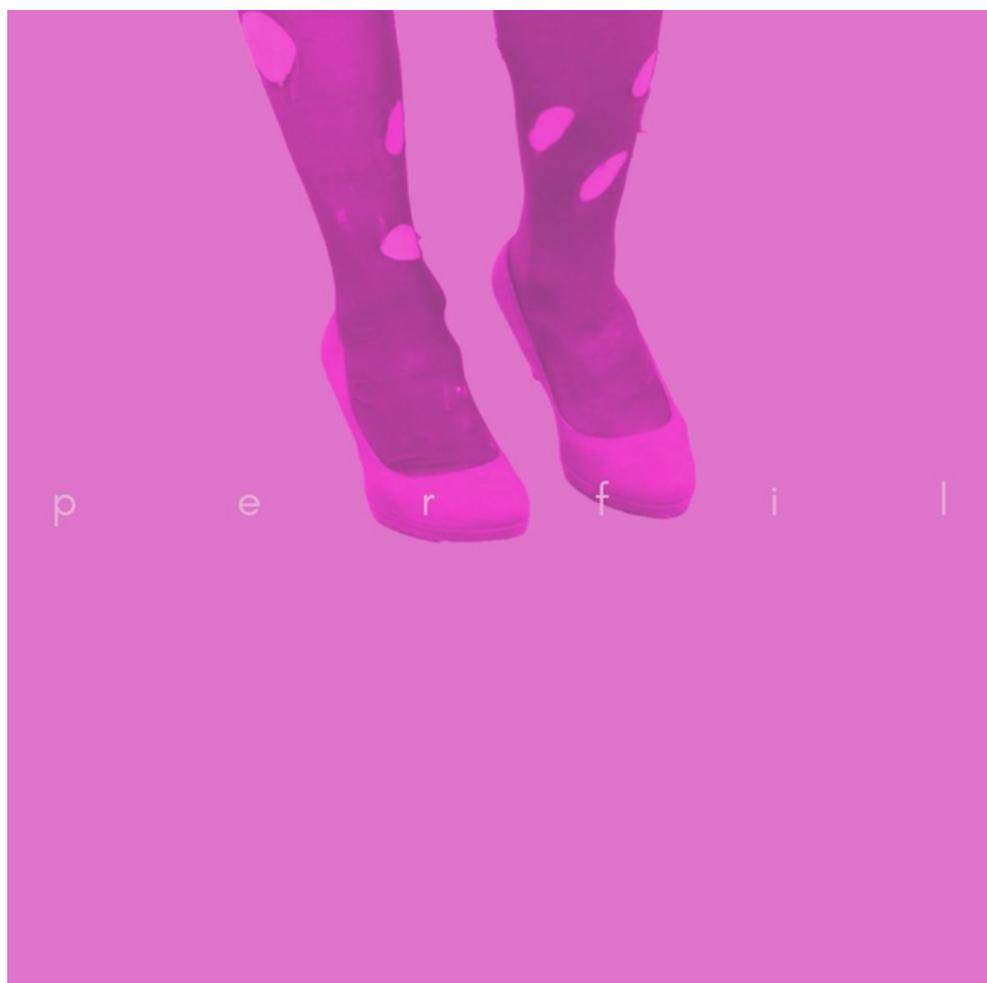
Então, tipo assim, o legado do Coletivo, o legado de ter me tornado amiga da Bruna no processo doloroso de pesquisa, de entender o que era aquilo que eu tava fazendo, se era um objeto, se era uma pessoa. Deixa esse legado de ser acessível, de ser uma pessoa que era insensível a essas coisas. E, por exemplo, eu não reivindico muito minha identidade enquanto bissexual porque às vezes eu acho que tô num lugar muito confortável com um cara há cinco anos. Então, tipo assim, no que eu posso somar, eu somo.

Mas deixa a gente mais confortável pra ser quem a gente é. Conviver é um legado pra mim do Coletivo. Com certeza passa pela minha cabeça várias reflexões que o Coletivo colocou pra mim. Que é possível, que você não tá sozinha, que é possível você ir adiante.

perfil

“DONATELA FOI A MINHA EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA E ATIVISTA” _

O perfil dessa edição traz a narrativa de César Dornelas, integrante do Coletivo Duas Cabeças, artista e drag queen Donatela..



No finalzinho do Coletivo Duas Cabeças, da minha participação no Coletivo, eu descobri uma outra vertente de arte. Por mais que eu estivesse envolvido em arte, com o teatro e o coral, desenho e essas coisas, já estava imerso em arte e tudo. Tanto é que eu quase fui fazer Artes e Design, e não Administração. Mas no finalzinho da minha participação no Coletivo eu descobri a arte drag. Eu conheci a arte drag, e de uma forma diferente. Diferente da que eu conhecia antes, que era só a drag de bate-cabelo. Eu conheci todas as possibilidades de drag possíveis e existentes até aquele momento. Óbvio que todas não, porque todas as possibilidades de drag é individual. Drag sendo uma performance de gênero, não tem como eu fazer uma performance de gênero igual a tua. Mas eu comecei a me interessar e me joguei. E aí nasceu Donatela.

E Donatela foi a minha experimentação artística e ativista. Onde eu brinco com os padrões estéticos e impostos de gênero. Tô lá montadona maquiada e tal, com minha barba grande, com meu peito peludo. E representando, de certa forma, uma sensualidade e questionando isso. Questionando isso. “Mas pera, que porra é essa aí? É homem? É mulher? O que que é?” É exatamente isso: todas as possibilidades de ser, de existir e de ocupar um corpo. Eu percebi isso como drag e fui entrando cada vez mais nesse universo.

Por mais que hoje eu tenha também percebido que tem outra forma de eu fazer isso artisticamente. Não só me conectando montada e dublando, que era o que eu mais fazia. E aí me descobri enquanto DJ. Aí eu comecei a trazer a presença de um corpo andrógono em ambientes de discotecagem, ambientes de festa. Mas não numa performance, não me vendo dublando a música de 4 minutos. E sim sentindo toda a mensagem que eu vou passar através da discotecagem, através das músicas que escolhi e tudo mais.

A arte drag chegou em 2016, no começo. Eu ainda tava no Coletivo. E aí o Lucas Ferreira, que faz a Lucy, era do Coletivo também na época e ele fazia drag já. E aí eu falei assim: “cara, como assim tu é drag? Você não tá de peruca, você não tira tua barba, você tá todo esquisitona. Como que você é drag?”. Aí ele me apresentou todas as possibilidades de drag. Eu comecei a buscar informações também. E comecei a sair montada junto com ele. E aí junto com ele, saí mais uma penca de gente. Era eu; ele; o namorado dele na época; o Álvaro, que é a Babylônica; a Cora Braz; a Diva Latruque, que era o Léo, também muito presente no Coletivo; Gabriel Reis. O Thales também se montava de vez em quando.

E eu vejo Donatela como uma parte de mim. Eu não quero distanciá-la tanto assim. Quero deixar ela mais perto, com elementos mais presentes que reforçam que aqui também tá o César. Aqui também é o César.

trecho

“TEM AINDA ESSA VISÃO UM POUCO DECORATIVA DA ARTE” _

O trecho dessa edição traz um fragmento da conversa com Terra Assunção sobre a arte, sua função e seu entrelaçamento com movimentos sociais.



[...]

Neilton: Sobre essa questão da arte nos Coletivos, Movimentos Sociais e Militância. Como que você vê a junção dessas coisas...

Terra: Você fala específico do Duas Cabeças ou no geral?

Neilton: No geral mesmo.

Terra: Eu acho que, tipo assim, muitas vezes as pessoas que tão no movimento social e tal têm ainda essa visão um pouco decorativa da arte, como algo que vai enfeitar ali. E eu acho que acaba desviando, às vezes, o propósito de fato da produção cultural, da produção artística. Então eu vejo em todo lugar que tem um Coletivo, seja um coletivo de fato lgbtqia+, um coletivo negro, um unicamente partidário, eu vejo que todo mundo se usa da linguagem da arte no geral pra comunicar, pra poder atrair outras pessoas. Todo mundo usa assim. Se tem um coletivo, ele usa da linguagem cultural, da linguagem artística. Porém, eu acho que existe essa visão ainda um pouco romantizada, de não compreender a fundo aquilo. Só como uma decoração. Ou só como algo que vai chamar ali as pessoas pra aquele espaço e que quando chegar, quando for “realmente sério”, é a teoria tal, é o livro tal. Então é como se fosse uma brincadeira pra poder atrair as pessoas e quando chegar lá realmente não é assim.

E muitas vezes eu tenho essa visão disso. Mas claro que não são todos os Coletivos e tal. E entendo também que tem limitações pessoais, eu acho que ninguém é obrigado a entender sobre arte. Não acho que todo mundo tem que entender isso a fundo, essa função da arte. Mas no geral eu tenho essa impressão.

Claro que é existem os coletivos artísticos, que já tem outra visão sobre a arte e tal. Mas isso são coletivos bem específicos.

Neilton: Você tem alguma referência que traz pra você enquanto artista, enquanto militante? Que faz esse entrelaçamento.

Terra: Ai, eu precisaria pensar. Mas não é nem um exemplo prático, acho que é outra forma de ler, de ver a arte. De valorização mesmo desse trabalho. Por exemplo, já fui há alguns lugares que tinha um trabalho de uma galera do MST que eu achava que tinha uma proposta interessante. Às vezes nem era puramente artístico, mas, por exemplo, a arte ligada à educação, coisas da escola rural, escola nessa formação do acampamento. Tinha arte ali, tinha uma concepção muito importante de linguagem.

Mesmo assim, algumas coisas que as pessoas criticam. Falando de um movimento específico, por exemplo, que é o Levante (Popular da Juventude). Uma coisa que a galera fala muito mal é das místicas né. A galera “ah, tá fazendo mística, achando que vai mudar alguma coisa”. Eu acho que é uma visão muito preconceituosa, bem errônea assim. Eu acho que tem uma função social. Sei lá, teatro do oprimido que tinha essa visão de um teatro social.

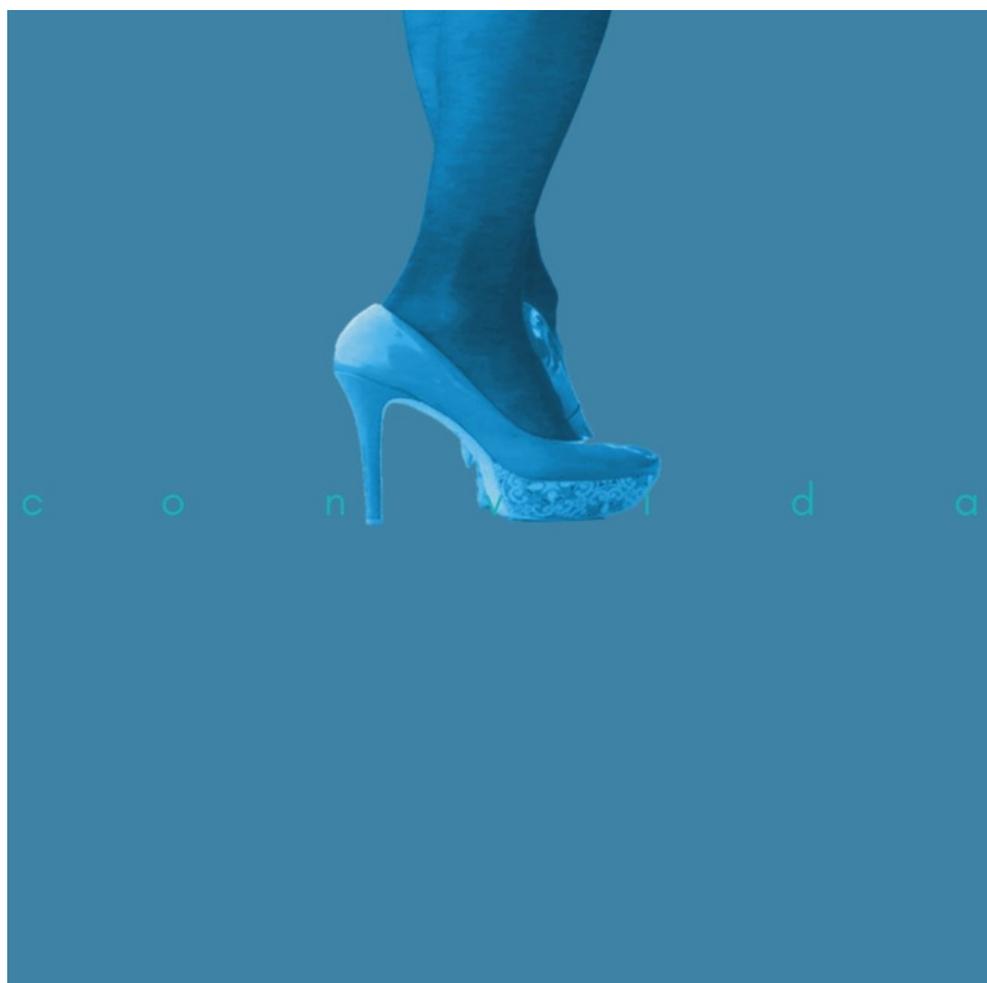
E esse próprio pensamento decolonial. Eu acho que me guia muito. É esse pensamento da visão da arte com esse objetivo social presente. Não de maneira panfletária, que eu acho que é outro clichê que a gente tem que ultrapassar. Muita gente fala “ah, tem que inventar uma arte, sobre sei lá, lgbtfobia”. Então faz um cartaz escrito “Pare com a Lgbtfobia”. Às vezes é uma coisa meio clichê assim. Eu acho super de boas, mas tem como produzir muita coisa interessante sem ser clichê. Falando, por exemplo, por meio da linguagem audiovisual em todos esses espaços, em coletivos também. Que às vezes não vai tocar em questões políticas diretamente, mas lógico que é também político.

[...]

convida

CARLOS BERNARDES: O PRAZER É TODO MEU_

o convida dessa edição é com Carlos Bernardes, formado em Cinema e Audiovisual pela UFF e que às vezes recorre à escrita pra devaneios. Ele enviou sua crônica “O prazer é todo meu” e foi selecionado na nossa Chamada Aberta de publicações. Confira!.



Quando me vejo deste jeito, sei que estou julgando minhas feições faciais lapidas a esmero e as quais eu uso sempre quando não há prazer na relação. A cada socada do seu pau, surge uma linha de expressão a esconder minha insatisfação com o momento. “Está gostoso, né?” diz o trouxa enganado pela pior careta deste mundo. Tenho zero aptidão pra improviso, mas, assistir à tanto pornô mecânico serviu para alguma coisa. Não acho sua incapacidade de perceber isso um defeito. Não julgo. É apenas a realidade que deseja acreditar. E quem não gosta de um conto de fadas? Por vezes, eu mesmo mal compreendia meus próprios desejos e delegava ao outro a função de suprir o que eu não fazia ideia. A insatisfação se instalou sorrateiramente em algum lugar do meu corpo e produziu um incômodo cada vez mais presente. De uma hora pra outra, um estalo gerou a base do meu autoconhecimento. Quando digo base, é porque ninguém se auto liberta da noite pro dia. Não há dentro desta nossa performance diária um único ser desconstruído o suficiente para se declarar independente e convicto de suas ações. Isto a humanidade perdeu faz muito tempo. E, pelo visto, três anos depois deste nosso vídeo ter vazado na internet, Vinícius continuava o mesmo, cínico, orgulhoso de sua performance e sem arrependimento.

_ Que tal da gente se filmar hoje, Pedro?

_ Vai ser tudo de bom. Dá um tesão do caralho e quero muito ver meu pau acabando com seu cuzinho.

_ Ahhh, vai... Imagina que você vai poder usar aquele seu dildo enquanto me vê te comendo.

_ Você vai gostar. Qualquer coisa a gente apaga.

Eu não recorro a uma única palavra minha nesse diálogo. Elas existiram. Com absoluta certeza, eu proferi algumas palavras que ajudaram nessas interações. No entanto, se eu permiti, isto foi apagado ou arquivado em algum lugar onde não tenho acesso. Elas sempre martelam meu subconsciente toda vez que me deparo com o vídeo no twitter. É um belo vídeo por sinal. Tenho nenhuma vergonha dele, apenas da minha falsidade. E ninguém sabe disso.

Uma forma de contornar a exposição indesejada foi realocando a narrativa ao meu favor, pois Vinícius gravava como seu ponto de vista e, além do seu pau, apenas aparecia seu abdômen e suas coxas volumosas que eram um tesão só de ver. Sua identidade era irreconhecível. Um cara gostoso sem rosto o qual qualquer espectador pode se inserir nele. Não fosse minha cara falsificando um prazer com o momento, talvez aquelas pernas seriam os protagonistas do vídeo. “Geme pra mim, vai.” E eu gemia toda vez que ele enfiava seu pau inteiro dentro de mim. Batia em alguma coisa que me dava dor mais do que prazer e eu não queria transparecer a sensação durante a gravação. Estando minhas pernas encaixadas no seu tórax, com uma das mãos ele gravava e com a outra ele brincava pelo meu corpo. É uma cena que desperta um certo tesão. Confesso que quando vejo, meu pau enrijece contra minha vontade. Eu lembro da dor – e como lembro –, porém o que enxergo é um ativo socando rápido e forte um passivo de bunda avantajada que geme do jeito que a indústria pornográfica quer que você deseje. Eu peço toda vez ao induzir que aquele é meu verdadeiro eu - até mesmo pra mim -, pois é assim que se pseudo contorna a situação: assumindo o seu papel como o objeto de desejo alheio após sua intimidade ter sido vazada. Parafrazeando Rita Hayworth, “Todos os homens que já tive foram pra cama com o passivo do vídeo - e acordaram comigo.”

- _ Nossa, é você mesmo?
- _ Caraca... Você não sabe quantas vezes eu bati uma vendo seu vídeo!
- _ E você ainda dá de pau duro... vontade de tocar seu pau enquanto como daquele jeito.
- _ Eu só olhava pro seu rostinho lindo e sua cara de prazer. Sentia que você gemia pra mim e era gostoso demais.
- _ Vai ser minha putinha, né?
- _ Quero ser seu macho.

Diálogos assim eram bem comuns. Por muito tempo, eu encarnava o jogo e atiçava ainda mais os sonhadores. Quando um homem já tem na cabeça o que ele gostaria que você fosse, é fácil continuar seu próprio roteiro e o fazer acreditar na sua virilidade. Poucos foram aqueles que perguntaram sobre o que senti quando viralizou, se eu guardava rancor do garoto por ter me exposto daquele jeito. O passivo era o objeto, o irresponsável que não deveria ter permitido aquilo e o responsável por tudo o mais. “É claro que você aguenta, eu vi”. Ao ativo só delegavam sua performance meia boca como um rei que em uma de suas caças reais, abatia um veado e o expunha para a plebe. E querendo ou não, o veado virava banquete de muita gente, pelo menos da realeza toda. Aos que ficavam de fora, restava aquela imagem perpetuada pela internet e impossível de se apagar. A perpetuação da imagem, gerava vários incômodos quando eu entrava num recinto onde alguém havia, no mínimo uma vez, assistido àquela falsidade. Os olhares eram diferentes. E o olhar diz muito.

É engraçado que o prazer, a cara de gozo e o gemido são delegados para o passivo. Seja no pornô amador, no profissional, em quaisquer categorias, o rosto do passivo é onde você vai encontrar as mais diversas linhas de exposição do prazer. Falsas, é claro, com raras exceções. Gostaria de ver mais os espasmos dos ativos quando o gozo começa a vir, suas caras ao vislumbrar a morte iminente, o gemido baixinho dos que tem vergonha das suas expressões ou o urro alto de quem não consegue controlar. Por isso eu olho diretamente nos olhos quando estão me comendo. Se é para brincar que seja em conjunto. O tesão é muito maior. No entanto, quando eu faço, imediatamente querem mudar de posição. “Fica de quatro, quero ver esse rabo rebolando no meu pau, vadia.” Vinícius era assim, tirando o dia do vídeo, ele não conseguia performar quando percebia que eu estava o admirando. O ato que era fluido virava um entra e sai desengonçado, o pau saía pro lado, não acertava o cu, quase paralisava. Imediatamente me mudava de posição e metia fundo como minha cara que afundava no travesseiro enquanto meu rabo estava empinado a sua mercê. Se ele realmente estivesse se importando com o que eu sentia, perceberia que eu virava os olhos de tédio. Pode até ser que ele confundia essa revirada como um sinal de prazer. Suas mãos batiam na minha bunda. “É vara que você quer? Vai ter.” E eu, no jogo, gemia falso pra dentro como se afirmasse. Um roteiro completo como ele desejava.

Isso era comum na minha vida pós vazamento. Tinha meus momentos de glória e colhia flores pelo impostor que eu era, mas o normal era atos projetados ou bolos rotineiros pelo medo de defrontarem com suas vontades.

- _ Vou arregaçar esse seu cuzinho.
- _ Vou comer ele tanto que vai ficar dolorido por dias.
- _ Quero você de quatro quando eu chegar e já socar sem perder tempo.
- _ Vai aguentar este rolão?
- _ Posso te comer por horas até virar do avesso.
- _ Vou meter a noite toda até sair sangue.

A quantidade de “vou” e “até” é imensurável. A individualidade sexual começa quando a primeira pessoa do singular é posta na conversa, pois já se percebe que o outro é um objeto a ser levado até - olha ele aqui - o momento idílico do gozo próprio, não síncrono. Contudo, na hora H muitos são incapazes de realizar aquilo que proferiram. É engraçado como a presença do outro influencia diretamente na pessoalidade do prazer. Há aqueles que nem chegam a encontrar comigo, falam barbaridades dentro do jogo, mas têm medo de marcarem um encontro e eu perceber que são uma farsa. Eu sou uma, muito prazer. Podemos ser uma farsa juntos e, quem sabe, sermos sinceros por conta disso? Não é preciso ter medo de se revelar, pois todos somos em algum grau e a sinceridade é um ouro a ser descoberto sob montanhas de entulhos. Somos acumuladores de toxidade e a libertação vem da faxina diária.

Complica um pouco se vigiar quanto a seus hábitos nocivos quando há uma grande quantidade de conteúdo caseiro que replicam e extrapolam os limites daquilo que seria considerado sadio. Pode ser um julgamento de minha parte, porque eu passei um longo tempo sem refletir minhas performances e acrescentei uma parcela de culpa neste quesito com o vídeo. “Gosta que puxem seu cabelo assim, safado?” E o pau entrava mais forte. Ao invés de me abraçarem, eu deixava que me puxassem quase a força pro encontro deles. Se eu rebelasse, bem provável estaria numa situação de não consentimento. O que me faz questionar até onde vai o consentimento quando se mente pra si próprio com relação a isso. Eu detestava que pegassem no meu cabelo, ainda assim, não falava. Tentava sempre me colocar numa posição a evitar esse tipo de ato. “Você não gosta muito de ficar de quatro, né?” Ao menos isso Vinícius percebeu um dia. Pelas razões equivocadas. “Dói?” Na verdade, nem um pouco. Era uma das minhas posições preferidas. Menti, óbvio. O empecilho da posição era a vergonha de colocar meu desejo em prática, o de não encostarem onde era desagradável. Por isso, contornava a situação de todas as maneiras e, uma delas, era enfatizar a dor. O sofrimento era mais digno de ser exposto verbalmente do que meu desejo, as regras do meu corpo e o meu prazer. Era um medo estranho de considerar uma realidade a qual minhas vontades eram postas em primeiro plano. Para onde a relação se caminharia caso eu emitisse um sinal de ambição à equidade do gozo? Tolice de minha parte um dia me considerar menor ou banal num relacionamento.

- _ Porra, você parece que nem está curtido.
- _ O que aconteceu com aquele gostoso que gemia alto?
- _ Mal entrou e você quer que eu tire. Se fuder, mano, vai sentir tudo sim.
- _ Você já aguentou coisa maior e está reclamando.
- _ Nossa, nem fizemos nada e já quer que vou embora?

O não é uma palavra de imenso poder, acaba com a virilidade do macho mais destemido. “Está curtindo?” Não, meu caro, você nem ao menos lambeu meu cu o suficiente pra ele ter vontade de sentar nesse seu pau. Lambe mais um pouco e depois a gente retoma o assunto. Um minuto é desfeita e não estou pedindo favor. Estou aqui pra você transar comigo e eu transar com você. Duas forças em sincronia.

O maior aprendizado no último ano foi introduzir o “não” durante a relação. Todavia, ele por si só é ineficaz. “Por que não quer?” Tem de esmiuçar os detalhes para ver se o outro entende, pois existe uma carapaça na rejeição. Ela é dura. Oca. Todo chiado na comunicação faz eco, amplifica e isto pode enlouquecer os de base sólida e pouco maleável. A rejeição ou a contrariedade do desejo não é algo ensinado a todos. Muito menos aos homens, pois, em tese, apenas nela, eles se encontram no topo dos topos de qualquer cadeia. Logo, a negação é um mito longínquo incapaz de atingi-los; porém, o mito é real e quando eles o defrontam, cai por terra a segurança que o falo provém. As reações são diversas e adversas. Já tive de lidar com muita crise de ego partido, palavrões e insinuações violentas por conta do mundo de fantasia que eles vivem. Receio ter uma parcela de culpa em muitos casos, porque alguns me aparecem após encontrar o vídeo com marcação em alguma rede social. Chegam com expectativas pré-concebidas virtualmente e eu, falsamente, as reitero. Pelo menos ali eu ainda não sou verdadeiro comigo – ainda – e mantenho o prestígio daquela atuação. O número de seguidores cresce e diminui quando percebem a pessoa totalmente oposta que me tornei.

Isto costumava me abalar e sentia indiretamente uma rejeição. Eu era um glory hole virtual e incapaz de ser apreciado na integridade. O segredo de todo mundo. A imagem de Gilda era demasiadamente pesada pra carregar a longo prazo. Ela continuava existindo por conta própria. Eu havia perdido o controle do impostor e ele agia pelas minhas costas como um indivíduo vivo. Há quem falasse de mensagens noturnas as quais não fazia ideia de existirem. Encontros que eu havia furado, imagens íntimas trocadas com perfis fantasmas. E se não era eu, quem mais estaria propagando uma imagem esquecida de mim. Eu havia deixado de lado tudo o que não mais apetecia neste meu novo ser, porém, o passado continuará se consolidando por conta própria e enganando a quem quiser acreditar. Gilda, espero um dia ter descanso de suas promessas fictícias.

- _ Você tem de avisar aos outros sobre perfis falsos.
- _ Poxa, eu achei que era você. Será que tenho uma chance?
- _ Sério? Gozei tanto aquele dia, fico só imaginando nós dois.
- _ Uma chance só. Você é gostoso demais.
- _ Falou que ia sentar até o talo e me deixar fuder na capa.
- _ Olha só como eu estou agora.

E lá vem a imagem indesejada enviada por alguém que espera alavancar meu interesse com um pinto não solicitado. Normalmente, é uma péssima estratégia, mas caio em algumas arapucas quando a mala é digna de uma segunda olhada. Não há como ser íntegro nas convicções a todo momento. É um ensinamento importante. Esteja fechado ao que não convém, mas permaneça aberto às venturas inusitadas. Só não gostaria de voltar a apaixonar por um pau tão cedo.

Minha relação com Vini era puramente carnal, seu pau era gostoso demais pra sentar. Ele podia não ser o melhor na cama, muito menos cirúrgico com meu prazer, mas o pau era tão bonito de olhar e de uma textura aveludada que a vontade de o ter dentro de mim extrapolava qualquer empecilho. Caía bem na boca. Macio, bem formado, sem excessos. Geralmente pesquiso seu perfil quando o nosso vídeo reaparece pra ver como anda a produção audiovisual dele. Continua o mesmo, fazendo registros comendo os outros - consentidos, espero -, sempre com o mesmo ângulo, poucas variações. Pego-me imaginando... Seu braço passando pelo meu pescoço, eu de bruços, ele em cima de mim. Seu peso sobre o meu corpo. Ele me dá uma chave no pescoço de leve e mete fundo lentamente. Digo que pode aumentar a velocidade, mas ele prefere assim, de pouquinho em pouquinho. Vai deslizando devagar, tirando e colocando. Controlando o peso e segurando meu pescoço. Viro pra trás querendo um beijo, ele mete sua língua na minha boca e suspira baixinho. Sinto sua respiração ofegante. Seu suor descendo pelo corpo e me molhando todo. Seu pau desliza até mais fácil com tanta lubrificação. O meu está a ponto de bala. Ele mete um dedo junto com o pau, alarga ainda mais meu ânus, acaricia minha próstata e eu quase gozo sem nem me tocar... Então paro a imaginação pois não gostaria de acrescentar fatos irreais que nunca aconteceram. A performance nunca chegou nem perto disso e a única vez que ele passou o braço sobre meu pescoço, senti um calafrio. Ele estava sobre mim e eu podia jurar que se ele quisesse apertar mais forte, poderia me estrangular ali mesmo. Eu estaria indefeso sob ele com pouca mobilidade. Ficava tenso. “Pedro, seu cu está apertado demais, relaxa um pouco.” Diante essa sensação de ameaça era inconcebível relaxar.

Ele não era alguém violento nem insensível nesse quesito. Confiava em certas brincadeiras e fetiches, mas limite era um problema visível. Quando eu não conseguia mascarar a dor em certos casos e o solicitava pra parar, sentia sua audição propositalmente falhar. “Desculpa não foi por querer.” Enchia-me de beijos como se a dor fosse sumir assim, como mágica. Por conta disso, desconfiava de sua preocupação póstuma. Nenhum beijo de príncipe faria eu ressuscitar dos mortos se eu confiasse tal fetiche em suas mãos. Muito menos cheguei a conhecer um necromante especializado em sexo. Inclusive, confiar é uma questão muito pessoal. Ocasionalmente, deparei-me com desconhecidos que me transpareciam mais segurança do que contatos corriqueiros. E eu sabia disso ao perceber a preocupação do outro com o meu prazer. Não proferia sequer uma palavra e a pessoa já entendia. A sintonia fazia total diferença.

Foram esses micros detalhes os responsáveis pela minha emancipação. Enfatizava-me como o objeto alheio e fingia ser feliz desse jeito. Meu corpo era de todos, menos meu. Eu percebia a diferença entre cada relação sexual, porém tendia a crer mais na projeção no aspecto físico do que na química. O culto ao corpo, ao falo, ao desejo de ser desejado a qualquer custo, do desempenho perfeito e da falácia do prazer constante cegavam-me a minha humanidade e mecanizavam meus atos. “Rebolando assim você me deixa louco.” Será? Reflito tanto sobre mim que esqueço de pensar no próximo e no papel do outro sobre a minha própria atuação. Estava tão bom mesmo? Confio nas palavras do outro? É um risco. Do mesmo jeito que eu não pronunciava sobre o que não gostava, decerto o outro poderia fazer o mesmo. Uma enorme bola de neve de repressão.

Dou mais uma olhada no vídeo antes de fechar. Olho nos meus olhos de outrora aquela dor escondida atrás da máscara.

_ Sou eu que todos querem. Sempre será e você sabe muito bem disso.

_ Não me espantaria um dia você voltar aos meus braços, arrependido de suas escolhas. _ Engana-se você acreditar em suas próprias palavras.

_ Eu conheço quem fui... Suas certezas são reflexos de nossas antigas inseguranças.

_ Ainda sim... Olha quanto gozo produzimos. Momentos que fizeram os outros felizes.

_ Nós demos quase nada e conquistamos muito... muito mais do que sonhou. _ E valeu a pena?

_ É claro. Estou gravado na mente e na punheta de cada espectador. Diria que valeu demais. _ E te faz feliz?

_ Faz.

_ Fez, porém, não mais.

_ Despeço de você. Deixo aos outros o que fui pra que tenham bom proveito de mim em suas próprias fantasias.

_ O prazer é deles, somos mero instrumento para o gozo alheio. Aceite.

_ Podemos até ser, mas eles também serão. No que diz respeito a nossa felicidade, ela é nossa e de mais ninguém.

_ Fale por você. Eu não me envolverei nas suas maluquices. Olhe esta nossa cara de quem domina o outro com o olhar.

_ Nunca dominou. Mentimos. Continuamos mentindo pra nós mesmos, porque o prazer nunca foi nosso.

_ Porque é deles, exclusivamente deles. Preciso repetir quantas vezes pra você relembrar sua função?

_ E eu preciso abrir seus olhos quantas vezes pra dizer que o prazer é todo nosso?

_ Pelo jeito não há como trabalharmos juntos. Somos irreduzíveis em nossas próprias convicções.

_ Não o aceitarei de volta. Fique sabendo.

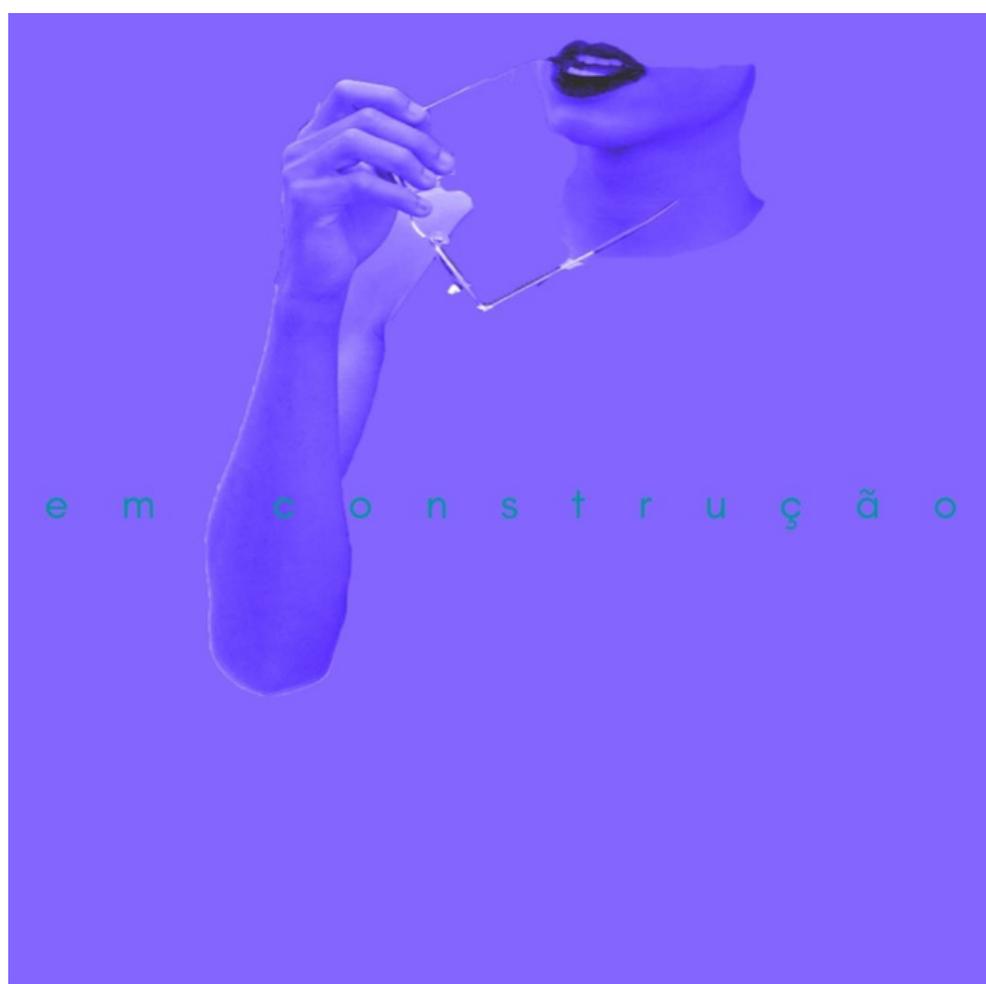
_ Não haverá volta. Isto eu o prometo. A partir de hoje, o prazer é meu... todo meu. _ Boa sorte nesta empreitada. Vai precisar, tolo.

_ Descanse em paz, Gilda.

em construção

CORPOS EM FRICÇÕES: DIÁLOGO ENTRE MARIELLE FRANCO E PAULO FREIRE_

em construção dessa edição é o Texto + Produção Audiovisual de Bianca Castro, Danielle Oliveira e Cristiane Fernandes. O material foi um dos selecionados na Chamada Aberta. Aproveite!.



Informações técnicas

Roteiro e direção: Bianca Castro, Danielle Oliveira e Cristiane Fernandes

Filmagem: Bianca Castro

Fotografia: Danielle Oliveira

Artista: Cristiane Fernandes

Um corpo em atrito – presente em todo o audiovisual –, traz consigo problemáticas históricas, sociais e políticas. Marielle Franco representa as pluralidades de fricções na sociedade, o vídeo questiona esse processo de homogeneização que enaltece determinados corpos e marginaliza outros. Na performance apresentada no audiovisual, destacam-se os marcadores de gênero, raça, classe e sexualidade, evidenciando as redes educativas que formam e desformam um corpo.

Os discursos de coerção circulam sobre os corpos para reeducar, higienizar, padronizar e marginalizar. Segundo Paulo Freire (1987), a educação bancária é um dispositivo de opressão que visa domesticar nossa realidade com o depósito de um saber exclusivo e excludente. Quando o ser humano caminha sobre estes moldes sociais seu corpo é atravessado por amarras de opressão. No entanto, o confronto do corpo em ter o prazer e domínio de si, mergulhado na complexidade cotidiana, estabelece novos caminhos de autonomia. Por isso, o conhecimento que visa nos oprimir terá sua ruptura no choque do corpo.

Nós, neste audiovisual, propomos uma produção estética. Uma intervenção com figuras criadas para chocar e deslocar o corpo perfeito. Um corpo com armaduras da hegemonia se despedaçando e inaugurando sobre ele as alteridades de suas redes de dores, afetos e distopias. O roteiro foi elaborado como um “encontro” (PASSOS, 2014) entre o simbólico de Marielle Franco[1] e a perspectiva de Paulo Freire, ou seja, a performance se passa num diálogo subjetivo entre esses dois personagens emblemáticos na atualidade.

Esse corpo que aprendeensina e ao mesmo tempo é historicamente aprisionado, negado e excluído – tendo o direito de “existir” somente de forma subalternizada –, e está em busca da tão sonhada autonomia, porque até “morto” ele é perigoso. E por isso, ele permanece sendo injustiçado, culpabilizado e silenciado – tendo seus direitos negados –, já tendo se passado 965 sem sabermos quem mandou matar Marielle (?).

Referencial

ALVES, Nilda Guimarães. Imagens de professoras e redes cotidianas de conhecimentos. *Educar em Revista*, Curitiba: Editora UFPR, n.24, 2004, p. 19-36.

BUTLER, Judith. *Quadro de guerra. Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 13-53.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 44ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. ISBN: 978-85-7753-163-9.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença – o que o sentido não consegue transmitir*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto e PUC-Rio, agosto de 2010.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. *Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação*. *Educar em Revista*, Curitiba: Editora UFPR, n. 51, jan./mar. 2014, p. 227-242.



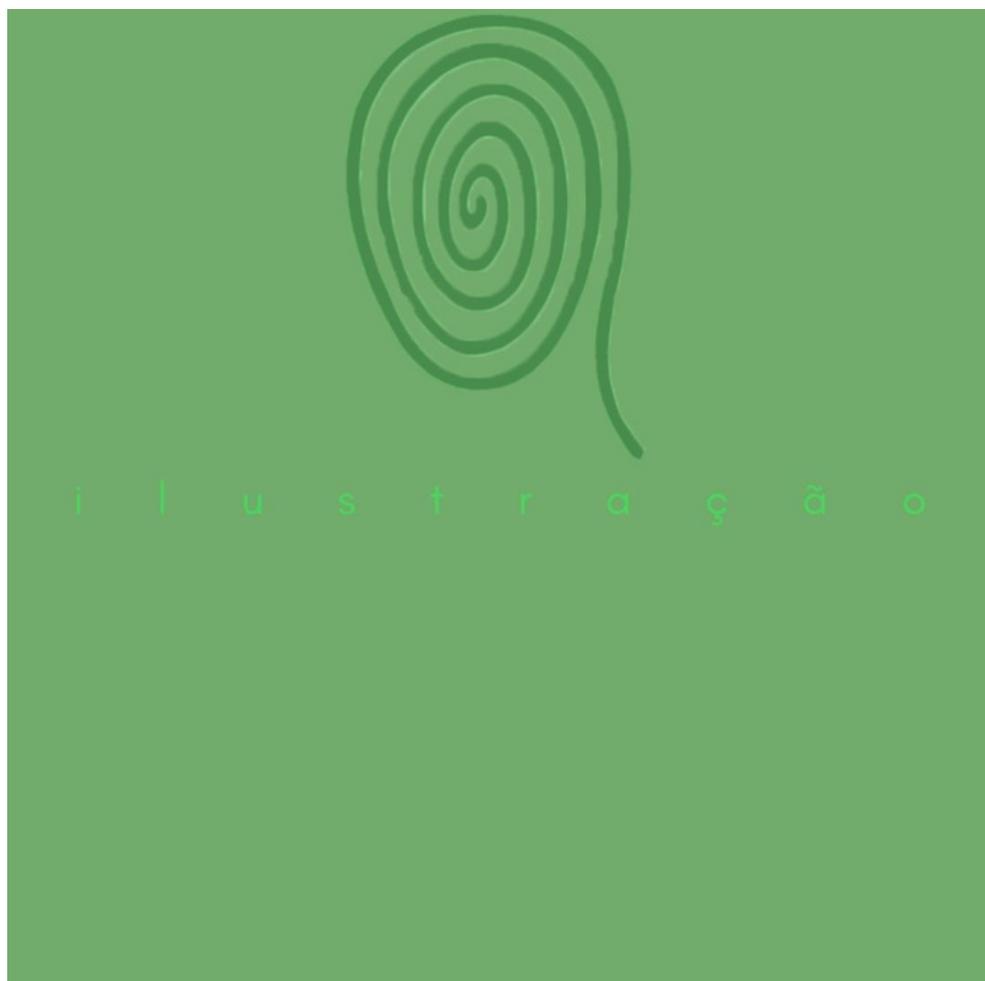
ilustração

RABISCOS_

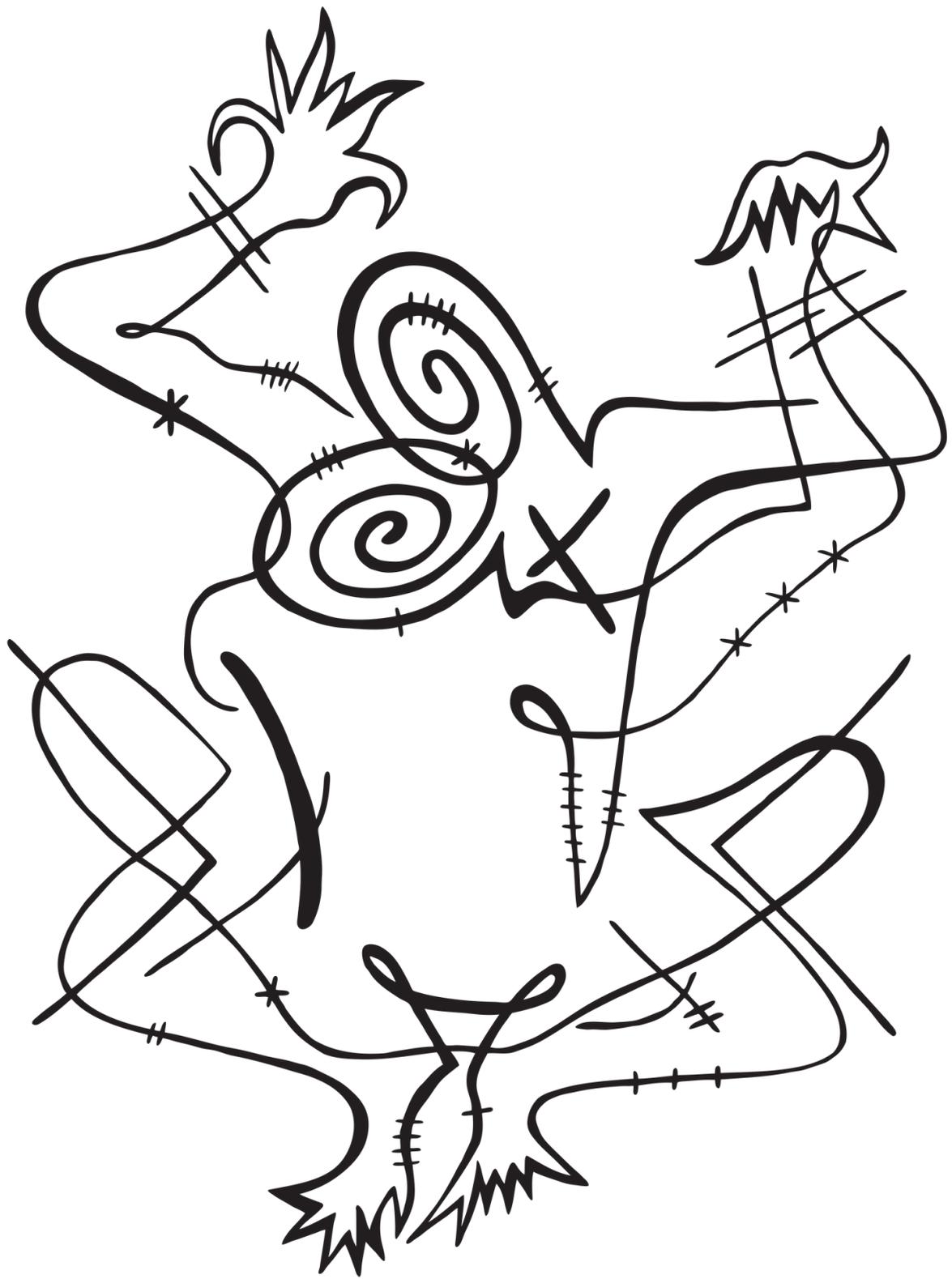
a ilustração dessa edição é a série de imagens RABISCOS, de Raphael Nascimento Leite.

“Linhas em círculo, dessa forma arredonda que nos lembra uma hipnose que nos faz adentrar aos traços e podemos assim observar corpos incandescentes, com mãos em estilhaços e os pés em salto. O olhar se concentra mais e mais naquele universo de corpos flutuantes com o aspecto desprezioso do desenho que aos poucos vai se diluindo com valor extremamente simbólico, capaz de traduzir em linhas e com fôlego suficiente o caminho longo e virtuoso da feminilidade. Há dessa forma uma celebração do inconsciente, o inconsciente da liberdade de si mesmo.”

Raphael enviou seu trabalho para nossa Chamada e foi selecionado. É Graduado como Bacharel em Artes e Design – UFJF e está na metade da graduação Bacharelado em Psicologia – UFJF. Tem trabalhos em variados campos das artes visuais.



“Porra, perdi
Nem sei se foi só isso
Desloco pelo vazio
Torço por me aventurar
E colocar a desenhar
Só inundar a fibra do papel
Com caneta preta
Pesada
Nankim
Várias pontas
Acho chique.
Fico lá desenhando
Concentrado
E parece que a cada traço
Vem uma onda de preenchimento
E tudo vira forma
Rosto hipnótico
Mãos em estilhaço
Pés em saltos
Tudo que parecer pode também ser
Assim rabiscaria
O tal
O Inconsciente da liberdade
Despertando de si mesmo.”.

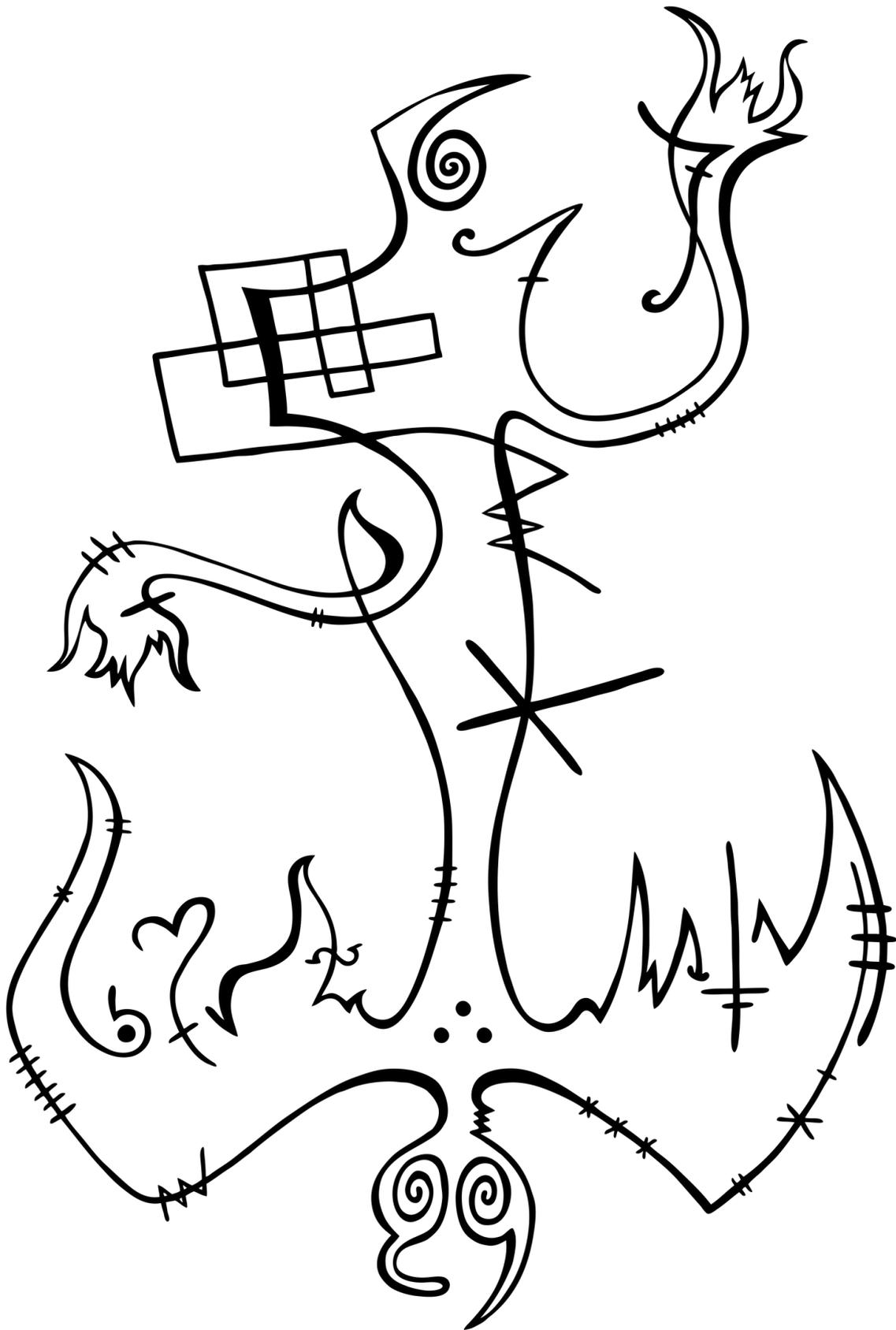












indica

2 POEMAS_

o que a gente indica nessa edição são 2 poemas que recebemos em nossa Chamada Aberta.

“Exposição” é de Bianca Silva.

“amar a própria diferença” é de Cleber Braga. Um poema escrito no contexto da eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro e compõe a tese de doutorado intitulada “Fantasmografias: sexílio, arte e ativismos cuirdecoloniais na transfronteira mexicobrasileira”.

Aproveite!



Exposição
(Bianca Silva)

Você vem e me olha
alisa minhas costas
calmamente meus lábios te encostam
junto à cada ponta de seus dedos que invadem
inteiramente a mim.

Eu vou e te olho
atenta e dengosa
reviro, remexo, desdobro
sentindo cada toque de seus dedos
se moldando em mim.

Na cruzada de nossos olhares
tornamo-nos poesia inteira
o quadro completo e emoldurado
de duas mulheres arteiras
que se amam pintando o sete
Colorindo seus corpos entre os lençóis.

Amar a própria diferença (Cleber Braga)

existir
existir
existir para dissidir
seguir existindo
para não reproduzir
gozar em cada falha do sistema

não odiar os zumbis
sem tempo pra isso
cruzar com os olhos sem brilho dos ocos de alma
estufados de masculinidade branca militarizada
intoxicados de teocracia capitalística
fedendo colonialidades

não odiar, mas seguir

com cuidado
que é para não ferir o pés nos cacos das grandes utopias
debochar da marcha fúnebre rindo por dentro
ali onde ninguém alcança

sem ser pegx

porque os presídios aumentarão
essas novas senzalas serão mais numerosas
para escravizar o corpo sob a ideia de trabalho
em benefício das multinacionais que financiam golpe atrás de golpe
as máquinas de comer gente se multiplicarão
para parasitar o desejo
e matar a diferença

então não morrer
existir
amar a própria diferença

zelar por esta estranheza ingovernável
sem ensimesmar
- driblar narciso na fluência do rio -
fluir para não ensimesmar
dançar mais
cantar mais
escrever mais
amar nas articulações
quebradas
debaixo do nariz dessa gente cinza
amar mais e cada vez melhor

dedicar-se mesmo a isso

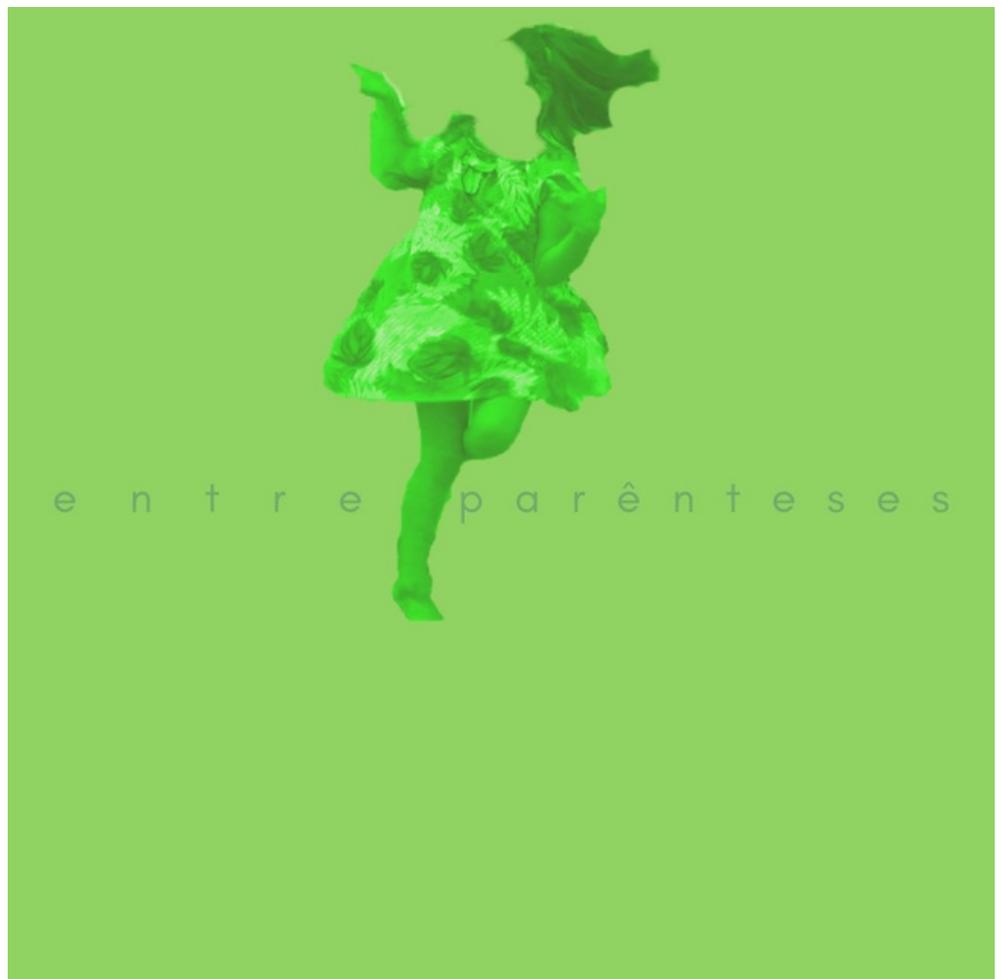
cupins a pulverizar a madeira maciça
coiotagem fronteira ancestral
ciganagem mediúnica pirata
acreditar
numa convicção inalcançável por qualquer uma destas narcoreligiões
existir
existir
amar a própria diferença

(Bahia, outubro de 2018)

entre parênteses

UMA CARTA: SE NÃO FOR A VIDA, EU NÃO QUERO ARTE_

neilton dos reis, editor.



(E por aí a gente já escolhe muita coisa).

Eliane Brum tem um livro que se chama “meus desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras”. Nesse livro tem um capítulo que chama “a invenção da escrita”. E, apesar de ser um tema legal, quero falar mais de invenção e menos de escrita. Acima de tudo, de domingos.

Ela escreve:

“Os domingos me mastigam desde pequena. Não só a mim, eu sei. Sinto que adivinharíamos os domingos mesmo se eles não tivessem sido inventados. Acredito que aquele homem que deixou impressa sua mão, uma mão com o minguinho torcido na caverna de Sauver mais de trinta mil anos atrás, fez o gesto num domingo. Fantasio que ele precisava ter certeza que existia e forjou uma marca que atravessou o tempo. E foi num domingo que escrevi pela primeira vez, para não morrer. Se antes eu tinha escrito porque matei, dali em diante, e para sempre, eu escreveria para não morrer”.
Acho que não tenho muito mais o que dizer, na verdade.

Lembrei de quando você assistia The L Word escondido de tua avó e depois quando ficou com vergonha de falar que assistiu Garota Infernal. Eu assistia O Segredo de Brokeback Mountain escondido e tenho vergonha de falar que gosto de American Pie. Porque todo mundo diz que é muito ruim, né.

Por exemplo, a gente escolhe a porção de fritas do bar do juninho de dois mil e dezessete a nove reais, escolhe recolher o vidro da rua e embalar, escolhe strogonoff no r.u., escolhe brahma quando tá com dinheiro e proibida quando precisa contar moeda pra pagar duas por uma, escolhe aprender debaixo de uma escada, escolhe entrar e não travar no portão, escolhe chamar já que o interfone vive com problema, escolhe tomar sol no domingo.

É que esse ano caiu num domingo. Cada ano é num dia diferente. Ano passado, por exemplo, foi na sexta-feira. Mas esse é domingo. De qualquer forma, esse anos todos os dias são domingo. Então talvez esse seja o domingo dos domingos — e isso já parece dizer alguma coisa. Isto é, parecer querer dizer um pouco mais de melancolia, mais de cinza e mais de saudade.

Eu estava olhando umas fotos antigas pra fazer uns desenhos e vi que não temos nenhuma juntos. Não foi surpresa, já tem algum tempo que parei de tirar fotos em todo bar que eu vou ou todo truço que eu jogo. Daí pensei que não preciso de foto pra poder desenhar alguma. Ou caso eu precise, posso procurar “a gente” em alguma que eu esteja com outra pessoa. Por exemplo, essa aqui, olhando rápido, acho que consigo nos enxergar. Ou nessa. Ou nessa. Ou nessa aqui. A verdade é que também não sei o quanto a gente era tão dados às imagens assim.

Hoje eu ouvi um amigo falando do Gustavo. Lembra dele? Ficou me contando umas coisas que aconteceram e que eu não tinha ideia. Começou falando assim: Gustavo tem uma história que é muito forte e marca muito quem ele é. Entendi. Pensei por um momento que estava falando de mim ou de qualquer outro que eu conheço. Mas não era. E eu só descobri isso porque a história é diferente. Mas começa a achar que a gente poderia começar assim também: temos uma história e ela marca muito quem somos.

Outra amiga escreveu agora mesmo: eu nem imaginava que ela passava por coisas assim em casa. Foi um caso e uma casa lá no Rio de Janeiro. Elas só se falavam pelo Instagram. Eu diria que foi num domingo, mas nem foi. Foi quarta-feira mesmo.

